

TEXTOS CRÍTICOS
/CRITICAL ESSAYS/ SANDRA LAPAGE

MANTOS CORTANTES PARA XAMÃS DESESPERADOS

por Carollina Lauriano

Em *Mantos Cortantes para Xamãs Desesperados*, Sandra Lapage apresenta um conjunto de composições mutáveis que figuram por um lugar entre o escultórico e o têxtil. Ao dobrar, achatar, moldar e costurar laboriosamente com fios de cobre materiais descartáveis, mas com grande potencial de reutilização - como o alumínio e o plástico, as composições criadas pela artista apresentam diversas camadas de interpretação formal e de sentidos. A primeira delas traz à tona discussões como o excesso de consumo, a produção em larga escala e por consequência o descarte na mesma proporção, e suas reverberações em questões ambientais.

Em questões formais, observando o largo grupo de trabalhos em alumínio aqui apresentados, observamos que a artista subverte as noções de o metal ser um material rígido, manipulando-o de forma a transformá-lo em peças leves e flexíveis, lidando também com a ideia destes 'tecidos' criados serem estruturas não fixas, de modo que a própria especificidade do material determine naturalmente suas próprias dobras, volumes e texturas. Assim, a artista cria esculturas tão potentes, que a cada montagem apresentam a possibilidade de se tornar uma obra completamente nova.

Se, por um lado Sandra traz à tona a temática urgente de se falar sobre meio-ambiente, por outro a artista estabelece um diálogo poético entre

intransigência e maleabilidade. Ao percebermos que o material possui capacidade de criar quase que aleatoriamente formas orgânicas, a artista se vale disso para tecer mantos que, ao serem vistos de longe aparentam delicadeza, leveza e gestos de sensualidade, mas que de perto podem proporcionar uma iminência de violência.

Nesse aspecto, também é interessante analisar como estruturas vestíveis apresentadas pela artista nesta exposição colocam o espectador em uma relação de dualidade: estaríamos nós nos flexibilizando ou enrijecendo perante aos temas de urgência global? Outro tema contemporâneo que suscita a partir destes objetos vestíveis criados pela artista é a construção de uma identidade social, muito pautada nas dinâmicas de interação online. O que de nós está sendo revelado e o que se esconde por detrás da criação de uma persona. Ou ainda, em tempo de *fake news* e anonimato, qual a veracidade das informações que têm nos sido apresentadas e como a proliferação de avatares e bots têm corroborado para a desestabilização de um sistema democrático.

Se a arte é capaz de questionar o mundo pelo sensível, Sandra Lapage consegue capturar as ambiguidades inerentes do ser humano e transformá-las em obras que nos colocam diante de mais uma urgência: a necessidade da busca pelo equilíbrio e a convivência harmoniosa entre o humano e a natureza, entre o homem e seus semelhantes.

RESSIGNIFICAR O PRESENTE COMO POSSIBILIDADE DE FUTURO

por Carollina Lauriano

Pensar arte e inovação, ao contrário do que se pensa, não é somente envolver novas mídias ou tecnologia aos processos de criação artística. Nesse sentido, inovação também está atrelada à capacidade de um artista criar soluções para questões complexas da sociedade.

Ao propor um novo olhar para objetos de consumo cotidiano, Sandra Lapage joga luz em assuntos que precisam ser abarcados em uma discussão social mais ampla. Em uma primeira camada, suas esculturas - criadas a partir de cápsulas de café e vinho (as embalagens que envolvem o gargalo da garrafa), ou até mesmo de latas de bebidas - denunciam uma individualização do consumo, que acaba por gerar excessos de materiais que serão descartados, e que, sem uma política rígida de reciclagem, podem corroborar para o aumento dos impactos ambientais, assunto tão caro nesse contexto que mundo que estamos vivendo.

A monumentalização de suas obras trazem para o espectador uma dimensão corpórea das consequências de tais impactos e como é importante que, cada vez mais, tomemos consciência sobre o que e como estamos consumindo. Dessa forma, os trabalhos de Sandra

Lapage apresentam um embate direto com quem os observa, que em um primeiro momento pode ser capturado pelo rigor estético de suas obras, para depois adensar as questões propostas pela artista.

Da resignificação desses materiais podemos pensar em outras camadas discursivas embutidas nas obras da artista, compreendendo a transformação e transmutação como uma delas. Desse deslocamento de significados, Sandra nos faz pensar em presença e como estar presente em qualquer ato nos leva a repensar nossas próprias ações em relação ao mundo que nos cerca, do micro ao macro.

Dessa forma, retomo o lugar de inovação na arte como um processo de reconexão com o nosso entorno, e que nada mais é do que um processo de reconexão com nosso eu interior mais profundo. Ao propor um olhar mais atento para processos de reciclagem de materiais, Sandra Lapage nos faz perceber que é preciso buscar buscar novas formas de criar conexões com o natural e com as ancestralidades, que tem muito a nos ensinar que novas formas de mundo são possíveis e como essa integração é necessária para enxergar novas possibilidades de futuro.

Link para o documentário:

<https://vimeo.com/470261029>

UM CONTO DE CRIATURAS SEM CABEÇA

por Carollina Lauriano

A primeira vez que eu entrei em contato com o ateliê de Sandra Lapage, em São Paulo, foi como atravessar um portal; o local ocupado pela artista já destoa, em tudo, do ambiente ao seu redor. Ali, o tempo parece correr de outra forma, e isto está relativamente atrelado à prática artística de Sandra: enquanto o tempo urge do lado de fora, dentro de seu ateliê a artista tece tramas explorando diversos tipos de materiais, nos remetendo a outras formas de conexão e reflexão entre espaço e tempo.

Faço essa breve introdução pessoal para dizer que tempos depois desse primeiro contato com o trabalho de Sandra, continuo a me surpreender com uma pesquisa que funciona como uma projeção do espírito da época. Esse zeitgeist captado pelo radar da artista é traduzido em instalações que têm a materialidade como ponto de partida, mas que não se finda apenas na investigação da forma. Assim, ao extrapolar os limites do racional, a artista cria objetos que se referem à prática xamânica de Joseph Beuys, que visa restringir a presença da consciência e do ego no trabalho, criando assim um trabalho de poesia essencial.

É como se a artista nos dissesse que, diante de tantos avanços políticos, econômicos e tecnológicos, nós precisássemos voltar alguns passos e resgatar alguns atributos abdicados por nós em

prol da evolução e do progresso: o dedicar-se ao trabalho manual, os processos colaborativos, a presença, o resgate das nossas próprias histórias e dos nossos antepassados. Nesse sentido, a artista reclama a si o direito de criar uma fábula que nos ajuda a sonhar um futuro de novas possibilidades, menos distópico e mais humano.

Não obstante, Sandra resgata em *Warp and weft, a tale of headless creatures* o movimento iniciado por ela em sua última exposição individual, de conectar o seu trabalho ao de outro artista, uma artista sonora, transformando o espaço expositivo em um ambiente imersivo, que exige do espectador uma nova abordagem com o trabalho de arte. Deste ponto de vista, retomamos um pouco ao portal de desconexão criado pela artista em seu ateliê. Se, de um lado temos uma grande metrópole que parece nunca descansar, aqui, Sandra - de forma generosa - nos convida a repensar nossa relação com as urgências do cotidiano.

E operando nesses espaços entre nossas próprias contradições, que a artista cria tramas espaçadas que nos permitem encontrar o espaço entre uma coisa e outra, o equilíbrio e a fluidez necessárias para que a gente avance, sim, mas sem perder o que há de humano em nós.

WARP AND WEFT, A TALE OF HEADLESS CREATURES

by Carollina Lauriano

The first time I entered Sandra Lapage's studio in São Paulo, I felt like stepping through a portal; her space stands in stark contrast with the environment around her. It is a place where time seems to run differently, and this is relatively linked to Sandra's artistic practice: while time is pressing outside, inside her studio, the artist creates wefts exploring various kinds of materials, leading to a reflexion about, and connexion to space and time.

I offer this brief personal introduction to say that long after first seeing Sandra's work, I continue to be surprised by a research that functions as a projection of the spirit of our time. The zeitgeist captured by the artist's radar is translated into installations that have materiality as their starting point, but not only in the investigation of form. Thus, by extrapolating the boundaries of rationality, the artist creates objects that refer to Joseph Beuys' shamanic practice, which aims to restrict the presence of consciousness and ego at work, thus creating an essential poetic expression.

It is as if the artist were telling us that, notwithstanding political, economic and technological advancement, we need to take a step back and redeem values forgotten for the sake of evolution and progress, such as engaging in manual labor, in collaborative

processes, and in the presence and recovery of our own stories and ancestors. In this sense, the artist offers a fable that helps us dream a future of new possibilities, less dystopian and more humane.

Furthermore, Sandra rescues in *Warp and Weft, a tale of headless creatures* the movement initiated in her last solo exhibition, of connecting her work with the performance of another artist, here sound artist John Roach, transforming the exhibition space into an immersive environment that demands a new approach to experiencing the artwork. From this point of view, we return to the portal created by the artist in her studio. If, on the one hand, we have a great metropolis that never seems to rest, here, Sandra - generously - invites us to rethink our relationship with the urgencies of daily life.

And it is operating in these spaces between our own contradictions, that the artist creates open and spaced wefts that allow us to find the balance and fluidity necessary to advancement, yes, but without the loss of our humanity.

ABOUT THE HEADLESS CREATURES: LOOM-LESS WEFTS

by Sandra Lapage

Often, a series begins after seeing an artists' work. Here I was mesmerized by Lenore Tawney's works. She was an experienced and skilled weaver, and my intention was to mimic her work without the proper tools, knowledge or skills. And so I started creating a simple weft out of a horizontal cotton thread in which I tied a row of simple knots: these would determine the placement of the columns, which I later found out are called warps on weaving terms.

As I started constructing this rudimentary structure, problems started appearing, such as the entangling of the hanging vertical threads, or warps, so I had to create a spacing mechanism, or wefts. Tying knots in a perpendicular direction started creating irregularities in the weft, and these irregularities pleased me very much: they are the product of the limitations of my skills and of little mistakes caused by moments of distraction.

These series of weavings also gave me the opportunity of a switch of speed while working, as I often like to work fast. With these cotton threads, I was forced to embrace a slow speed, and started adding a

few elements everyday. These pieces become a cumulative activity of tying a multitude of little knots. Adding copper wire in the warp also give me the possibility to play with shaping and bending the warp as I want. Some pieces can be flattened, and I can recreate their curves at will. They are light and float in space, and give me multiple possibilities of installing. Some of them work as miniature installations; instead of attaching the thread in space, I create the structure to support them, and they become transportable thread installations.

As I was searching for a title for this series, I decided to go back to the Book of Imaginary beings by Jorge Luis Borges. I have often used that book as a source of names for pieces that I create, which I frequently consider as creatures. Borges' lists are notoriously anarchic and bear no intention of being complete or logical, which I love. In this list, I found the Hsing-T'ien or Xingtian, a Chinese deity who fights against the Supreme Divinity, not giving up even after the event of his decapitation. After some research, I found an equivalent in medieval folklore and mythology: the Blemmyes, headless people from Lybia, Ethiopia, further East and even America, as reported in written texts from Antiquity to the Middle Ages and further on. What is also interesting about these headless beings is that they may have been warriors who bowed their heads and raised their shoulders, giving that head-to-body effect, or perhaps they were wearing these incredible African masks and cloaks that cover the body and create a huge head over small legs? Or carrying shields with faces, protecting the trunk...

As I think of my process as an openness to the emergence of the unconscious, I am interested in the appearance of primitive forms (in the best sense of the word), remnants of myths and tales: by limiting the presence of the conscious and the censoring ego in the work, I hope to channel something else. My works are not cerebral, they stem from the guts and the body. In this sense, they are headless creatures.

EM LOUVOR À MAGIA

por Edgar Morin

A crise do coronavírus trouxe a realização da comunhão do destino humano. Como um organismo planetário, se um lado fica doente, em questão de semanas toda a população fica infectada. A pandemia é um sintoma de uma crise de prioridades e de excessos: em suma, uma crise de conhecimento. Se a globalização é um processo do qual não podemos voltar, nossa interconexão é excessiva por um lado e deficiente por outro. Considerar o mundo de uma perspectiva cosmogônica pode portanto nos apontar algumas direções.

Portanto, eu me pergunto: e se nossa crise atual fosse principalmente uma crise de conhecimento? E se percebêssemos que a hiperespecialização de nossas preocupações e áreas de conhecimento estava nos levando a uma cegueira míope, ou pior, cínica? Como restabelecer uma visão cosmogônica do mundo, quando a evolução humana é impulsionada pelo desenvolvimento técnico, econômico e científico, enquanto há uma evidente degradação ética, psicológica e afetiva? Nesse sentido, toda atividade poética torna-se uma contra-corrente e um exercício essencial na busca de outros saberes. “Somos máquinas, mas máquinas não triviais. Máquinas não triviais: porque o imprevisto, o inesperado, a loucura, a invenção podem vir de nós.”

EPISTEMOLOGIAS INDÍGENAS

por Sandra Lapage

As epistemologias indígenas freqüentemente nos ensinam que o universo é um sistema cosmogônico. Mitos e folclore derivam do pensamento mágico. Ele oferece uma analogia entre microcosmo (mente e corpo) e macrocosmo (natureza, universo, cosmos). No pensamento mágico, existe uma conexão entre nome e coisa, entre objeto e imagem. Nesse sentido, proponho falar de magia de um ponto de vista secular, ou pelo menos não religioso. Afinal, Jung fala de Mana, Bergson de "élan vital", Jane Bennett da matéria vibrante, Jeremy Narby da comunicação genética universal através do DNA e Isabelle Stengers do vínculo íntimo entre humanos e não humanos: há um senso de magia nessas investigações, no mistério ainda por desvendar. Mistério e magia.

Magia como pensamento poético

Um processo de arte que envolve fortemente seu criador compartilha seu estado de transe com seu ouvinte, leitor, observador, em um momento de admiração e encanto que acende a magia em um sentido metafórico. Se pensarmos no sentido da palavra encanto como o poder ou a qualidade de deliciar ou despertar admiração, também podemos nos lembrar de sua raiz etimológica, de encantamento ou feitiço mágico. Nesse sentido, todo pensamento e processo poético-criativo funciona como magia, produzindo um estado de charme tanto no criador quanto no receptor ao atingir altos níveis de envolvimento.

Xamanismo como estado criativo

Alguns artistas buscam um estado de transe durante o processo. É um transe atenuado, se considerarmos as práticas religiosas como o candomblé e o vodu como casos extremos de transe e possessão xamânica, e se considerarmos os estados atenuados de possessão quando se atinge a exaltação, os momentos poéticos, o deslumbramento estético, a embriaguez e outras intoxicações.

Sobre o xamanismo, Morin propõe que envolve conhecimento por telepatia ou sem depender apenas dos sentidos, que quando em estado de transe, pode-se ser levado à clarividência: “Podemos supor que os processos cognitivos estão ligados a um tipo de intuição mimético-análoga (mimese é uma atividade do espírito que inclui e desencadeia o conhecimento) ou mediúnica. (...) Isso significa, aos nossos olhos, que o potencial dos dons psíquicos do xamanismo poderia estar presente em todo ser humano, que bastaria cultivá-lo, mas que é só manifestado espontaneamente em certos espíritos. (...) o transe atenuado é o estado de todo artista criativo ... O notável é que, se todas as criações de arte, incluindo a arte do ator, contêm uma fonte de inspiração pós-xamânica ou sub-xamânica, eles também são meio xamânicos, uma vez que envolvem a colaboração de uma consciência racional, crítica, que corrige, retoca, desfaz, modifica (...) Uma criação humana é uma combinação de transe e consciência, posse e racionalidade.”

A partir disso, entendo que, ao acessar simultaneamente diferentes esferas de pensamento, emoção, intuição e sentidos em resposta à materialidade, o transe criativo artístico permite conexões entre áreas de especialização aparentemente não relacionadas.

Esculturas, performances fotográficas, vestíveis

Estou interessada na contemplação de cosmogonias, incorporações, ornamentação, sensualidade sensorial e envolvimento em esculturas vestíveis. Espero ser engolfada, de certa forma, pela materialidade de minhas criações para acessar diferentes esferas, exemplificando o processo criativo como xamânico, na tentativa de diminuir a separação entre mente e universo, indivíduo e natureza. Apresento o processo da arte como prática xamânica e o transe como fonte de conhecimento, considerando epistemologias e ancestralidades diversificadas sem cair na superstição, resistindo a dogmas que parecem estar conduzindo a humanidade para um caminho desiludido.

Citações:

Conhecimento, ignorância, mistério, Edgar Morin, 2016
E hora de mudarmos de via, as lições do coronavírus, 2020

Sandra Lapage, abril 2021